



11

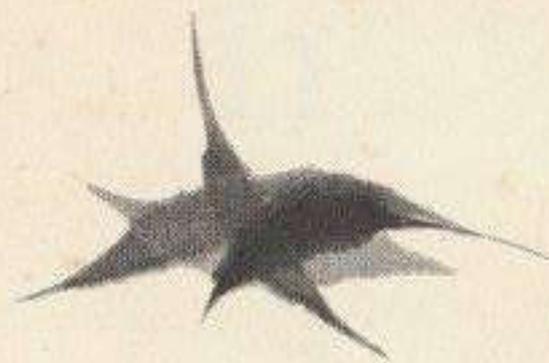
PEDRO ROCHA



*azougue
editorial*



S. GIORGIO MARTIRE



coleção flor azul

9

11

Pedro Rocha

2002

copyright © 2002 Pedro Rocha
copyright desta edição © 2002 Azougue Editorial

coordenação editorial: Sergio Cohn
projeto gráfico: Sergio Cohn
ilustração da guarda: santinho de São Jorge Guerreiro
logotipo da coleção: Bianca Peregrini
revisão: do autor

R672

Rocha, Pedro
11 / Pedro
Rocha. - Rio de Janeiro: Azougue
Editorial, 2002.
128p. ; 19cm.

ISBN 85-88338-21-1

I. Poesia Brasileira. I. Título.

CDD:B869.1

azougue editorial
www.azougue.com.br

SUMÁRIO

monturo outono
15

torpedros
47

estandarte coração
53

2 poemas do pântano
85

alguns
102

o pedro não cabe em si
e se esparrama em verso e alma
pelas calçadas do mundo
funâmbulo, flamingo, mamulengo.
o pedro quando escreve
põe a sanfona na língua
e toca como se o corpo
fosse todo cimitarra.
o pedro rocha pra que te pedra
cavalo de um *griot*
que se abre o bico
a áfrica sobrevoa
soberana.
caboclo de muitas palavras
cantor de cinco mil vozes
ator de rua e tablado,
pedro rocha mais que parece, é
poeta em qualquer forma.

chacal

Para

Luiza

[os FalaPalavra]

Ericson, Levi, Michel, Zarvos, Chacal,
Eber, Viviane. Paulista. Dado, Tavinho, Nill,
Tarso, Fabiano, Montanha.

[os CEP]

Cabelo, Pedro Luis, Justo, Hamburger, Kurt.
Botika. Vitor.

Margot, Joe [vivos]

Tui. Marquinhos. Daniel. Lígia. Demetrio. Boy.

Mãe Nilsa de Nanã, Ogan Joelson d'Oxóssi [axé]

Sergio [pensamento prisma]

Saldanha [mestre de todas as coisas]

Graciela [maestra]

Regina [fundação]

Joana [inauguração]

Amora [ir]

Antes de eu vir ao mundo

Deus disse pra mim:

– você é bom. Vai pro mundo
e volta bom.

Eu disse:

– tá bom.

*"Sobre um poema quase nunca há nada a dizer.
Deseja-se que seja amado, se for possível."*

Cecília Meireles

*Èlégbára rẹwà, a sẹ awo
Èlégbára rẹwà a sẹ awo
Bará Olóṣnṣn àwa fún àgò
Bará Olóṣnṣn àwa fún àgò*

Laróyè!

monturo outono

POEMA

começo a cavar
com o alcance cego
sem tato da textura
sem link sem brilho
 mas fura brio
 língua que engole
 idioma morto

começo morto

começo a cavar
para o morto póstumo
que se impele à terra
 que pulsa
que da carne se projeta o mineral

começo rasgando a luz
provando o frio corpo duro
gota de água no escuro
 e um bar iluminado
 longe

começo de longe surdo
sem lábio que se leia
sem par
com a alegria que em parte alguma
 estará cantando

a essa hora
sem tigre
sem rastro
hora sem cio

sem ôncus
hora sem sopro

a cadência é asa única
que alça algo em Butterfly

lacre:
um altar estéril
mas bonito
de que serve?

Bonito
de que som?
de que lesma se desenha o visgo na folha?
na palavra achada na pedra: lima/sumo

começo sangrando sem lágrima
sem lar sem dó

começo num agudo recuo
entrando em transe

começo raspando a folha
descolando o ruído do silêncio
pendurando a luz
molhando de terra o dilúvio
mascando o deleite da palavra
que se anuncia

pomar

caixola
libido
tímpano
pano
pá
poema

TEM GENTE QUE NÃO SABE DIZER AGRADEÇO

ENTÃO ME DESPEÇO.
DISFARÇO E DISPERSO

OBRIGADO.
FUMO UMA PALHA

ESFUMAÇO PRA LONGE

tem gente que é como se não tivesse

(tem um jabuti que é meu primo – ele é de risadinha – vê se pode?)

tem gente que não pode,
não dá pra ficar encontrando assim
tem gente perdida de mim.
Tem um menino que foi:

Sempre pequeno maninho
ô mindinho do carinho embotado.
Se tem estrela
vagalumenino vai a caça de um chororô.
E meninoite é fagulha no vento
de corpo lambendo
perdendo calor

A rua era enorme, o mundo maior ainda.
Não era só aquela pracinha
que o menino cometa de fósforo
sandalhão azul
cacho loiríssimo
mochila de pano forte
enchia a bochecha de ar e fazia pose pro futuro.
Sonhava com o dia
que o mundo se invadissem de água.

O clarão da lembrança me abraça.
Com seus perfumes acende o menino
que me empurra ladeira acima,
pela casa, fusca, passarinho,
medo de paredes avançando,
Fernando Diniz, mijó de gato,
cinema, velha gritando,
sono em botequim, percevejo,
polícia pé na porta,
vergonha de casa,
solidão em cima do muro,
vento frio nos cabelos laçando.

Menino aceso me acena seu sorriso
desvenda os olhos castanhos de querobem
curioso do gosto com a mão no corpo das coisas nuas.
— Menino quero saber de ti.
Menino me diz que a vida é uma ordem.
Mostra que tudo continua: a ladeira,
a casa, o fusca, a pracinha, o medo, o muro
e que sou sozinho.
Então menino me aperta
até sermos um só

CONGÊNITO

pequeno coração flamejante
pequeno coração disparando
forte contra meu peito
pequeno é meu peito nessa velocidade

de tanta semente nas mãos
a mais duvidosa me paralisa
mas me avisa que este sabor
é de uma flor
que nasce por si só
sem força

é cedo
segue a tarde o silêncio
olho o universo na água
e tenho sede
voz nada diz

talvez morro cedo
e dançarei em reverência
e serei outra vez
meu rio só
minha água
vou derramando
onde em ninguém

reinvento minha vida
a vontade onde vier
que seja em viés
através do verso

vem a noite na estação vazia
tudo tudo tudo
me faz caminhar
a perder do tempo
deposito a ausência
que me cala o instante
descarto o azul que se escolhe
e escalo o equilíbrio onde alcanço

*Ọmọlú pè olóre a àwíre ẹ
kú àbò*

*Ọmọlú pè olóre a àwíre ẹ
Kú àbò*

*Ọmọlú Kí bẹrù já
Kòlòbó'sẹ, a jẹ nbọ
Kòlòbó'sẹ, a jẹ nbọ
Kòlòbó'sẹ, a jẹ nbọ
Arááyé.*

*Jé a npenpe ẹ ló gbè wàiyé
tó ní gbón mi*

Jé a npenpe

Ọmọlú wàiyé (Ọbalúáyé)

Tó ní gbón mi ó

Atótóo

- rega meu Ori meu pai
meu peito carrega um Oriki
mostra alguma ferramenta do pensamento
sei que está tudo aí
mas outro exemplo ajuda

outro atalho

para que este sentimento não tolha nem toalha na gota que rebrilha

COMER COMETAS

comer cometas
como quem canta
como quem planta
como anta que espreita
o capim que esconde a terra
que vaza água que desce
ronca mar que evapora
ao vento que sopra Largo
do Machado:
os trilhos do bonde esquecidos sob o asfalto
vibram na velocidade do metrô
o vovô morreu
mas os trilhos, o garoto, o cara,
eu conheço esse cara
ele é assim
tem hora pra tudo
tudo num quartinho diferente
tudo é pra sempre

eu conheço esse cara
eu sei desse olhar
inquieto de querer
o mundo
essa íris brilhante
nesse rosto determinado
de moço pro mundo
eu sei desse moço
eu sou desse mundo
dos traços finos de não poder agarrar
eu sei dessa angústia
de estar quase lá
de tudo querer prender
e pesar, eu conheço
essa inquietude, esse escapar

LÁ VEM A FERA

ê lá vem a fera
deixa vir

ê fera danada
deixa vir

deixa vir a rasteira
largue-se à paulada
entregue-se ao tranco
avance contra tumulto
encontre o tapa
alcance o soco
busque o repuxo pro caixote na onda
espere sua parte sob a implosão
exploda-se
expanda-se

**UM CÃO SEM PLUMAS UMA FACA SÓ LÂMINA
UM POEMA SÓ SOM**

vejo seu rosto romper
sinto seu rasgo em mim
rogo pela luz na lâmina
arando as arestas do nosso desenlace
no desligamento da lascívia
não dissimulo e colido
não refolho, abalrôo
não roubo, arroubo

risco

irrito

e grito aos teus enganos
aos teus anos por vir
à tua desesperança
à tua ânsia de vitória
exclamo o tropeço da sua trajetória
recrio a curva aguda da sua queda

faço disso sua cirurgia
faço a sepultura dos dias de coruja
a última garatuja na sua cara carregada
seu contra-egun
seu mal nenhum

faço

a carranca do seu próximo passo

ergue-se ríspida

mas nada se acenderá de seus olhos rútilos
em verdade escassos

esqueço teu insulto
gasto teu feio gesto
esquivo teu soco
escolho-te um novo foco
e guio teu pouso em paz
tudo se desfez
como vento em pó de giz
fundo tua foz
e arranco teu capuz

você morre hoje

e seja você o seu rasgo
e seja você o seu tumulto
e seja você o seu pranto
e seja você o seu culto
e seja você a sua abolição
e seja você a sua ambição

viva a sua vida

MUNDO EM MUDANÇAS MAIS EM VIAS

surpresa pros meus olhos
seus olhos nos meus
mais em mim o que antes jamais
haveria não fossem as mãos espalmadas
espalhando alegria
a gama destes novos dias

Mundo em mudanças mais em vias

há várias formas de vida ainda
neste planetário de se olhar da cama
do meu quarto de dormir com você
de se descobrir a órbita
da minha sala de estar com você
viva o verbo coração
resolvendo as superfícies frias

Mundo em mudanças mais em vias

no laço que faço meu abraço
deita-se um pingo de cera
e não mais se desata

canto tanto quanto
janela aberta é meu abraço
vento dispersa seu pranto

desce a cordilheira e despe
a ternura que a nós se fia
tênue e mesmo tímido
te encontra meu primeiro toque
revela íntimo tato gato mia

Mundo em mudanças mais em vias

a flor do seu sorriso
é colhida à beira do abismo
botânica busca do amor
delícia de um perfume delicado
conspira o universo que não mais adia

Mundo em mudanças mais em vias

agora em tudo se evola
aroma amora
namora minha boca a sua
nua flutua comigo
desfruta completa nessa hora
fora do temor
fim de tudo que é escudo
foi-se todo o medo
e a noite rasgou-se em manhã

entre as nuvens a revolução espia

Mundo em mudanças mais em vias

fende a atmosfera
facho de nova luz
que a Olorum confia

Mundo em mudanças mais em vias

move-se o dia sobre o país desatento
nova cilada se erguerá nas bancas de jornais
nova esperança fabricada
será lançada ao público
funda-se um orgulho estéril
em que o povo mergulha
o corvo procria

Mundo em mudanças mais em vias

o céu como um organismo
empurra a história com sua engrenagem
mastiga a orgia

Mundo em mudanças mais em vias

clareza que esse amor propicia
acima de minha cama
da janela vejo um caleidoscópio
caos em cosmo

LÁGRIMA DE VELA

meu peito aperta tanto
meu pranto espreita
e as imagens que via
já não mais
as imagens que vinham

a chama é só o ar
só uma porta no ar

o ar que vela meu fôlego

e essa porta pendurada no ar

e suas palavras boiando

ainda

a chama é só o ar

(
e essa lágrima você também não verá
como não vê à mim
como perde tanto detalhe

como pode?

é por ter tanto que perde?

é por que não pediu?

é?

)

já é hora do caminho encontrar seu carinho de volta

e essa porta aberta no ar

a chama é só o ar

só o ar entrando muito rápido
 levando meu fôlego
 longe vai minha alegria
 andando de mãos dadas
 talvez numa praia
 talvez vendo
 o sol nascendo
 em algum
 lugar beijando abraçando
 forte tremendo na penumbra

a chama é só o ar

talvez ela também
 sinta tanto a minha falta
 que entre agora
 por essa porta de luz própria

trazendo meu

no ar

fôlego

chamando dizendo cheguei

a chama é só o ar

P A A L A A V V R A V A I

O Caneta que risca pronto palavra e por palavra palavra v
 papel se se se traço
 estende tinta trota
 Se se
 deita pinta roda
 branco por roça
 granulado deitea aí cruza
 pontua latente atraída
 palavra pluriletra cada
 palavra é letra se sente
 palavra que se sente entre cada letra que vibra no verso assenta que
 palavra é
 palavra
 v a i .

ADEUS MADRUGADA

adeus madrugada
vou gostar de outra pessoa
meu corpo escombro
descamba embalado
untado de brisa

adeus madrugada
que a cada silêncio
me despeço do espaço
imbuído de tropeço

adeus madrugada
que um segredo aceso
sobrou lindo ainda
soprando giz

madrugada adeus
lusco-fusco no futuro
pulo na neblina e flutuo fuligem
baloeiro de mim
penduro fagulha no tempo

adeus madrugada
maria preta sobe e não desce mais

Cato os olhos
olhando os cacos

Gatos esquivos
saco de gatos
cravo a retina
no teu salto
e de assalto
destrincho
desato
e salto

ainda mais alto

e cato os olhos olhando os cacos

Surdo de multidão
um gato caco parco
sentado sujo giù na sarjeta
já sem salto sem mato
quase morto
roto de correria
e já sem via que veja
que siga
que fuga

e já sem figa
sem fibra
e já sem foice nem martelo
e sem elo
e mesmo sem jeito
e sem joelho

jagunço de Gênova
pálido de tanta certeza
gato caco esqualido sem caso
se encolhe caco
escolhe com o olho
cata um caco
que de um outro gato
caído do salto
soltou-se de todo
sem tempo de pranto

(che paura ragazzi!
Vado via dai carabinieri)

lacha de lágrima
irmão de quanta coisa
mira valente
sem um pingo de clareza
sem destreza gentileza
sem mapa
sem melhor

— Teu irmão,
é como tu, mosaico.
Caco gasto do chão
pisado na cidade
dividida em faixas

Hoje quem vê Gênova
não vê gente

Cata os olhos
olhando os cacos

VIDA FURA MINHA RETINA

Parado o tempo
Outros passam
Outro passo pra mim

O vento me inventa
Me venda
E invento vento
Que vai de mim

O dia escasso
Rabisca um reflexo
Que se arrisca
Agudo na cripta

O ricochete
No revés do chão
Escorre veloz
Que o chão chupa
Cada facho
Confisca fisga
Cada filho

Do Corcovado
Se ergue preta
Silhueta de pedra

O azul que era céu
Cede e escorrega
No dorso que descobre

Engrutece o dia.

Pedro! Pedro! Pedro!

HOMEM PROBO

Todo homem que se solta
Solitário pela vida
Tem os ombros tensos
E não distrai o coração

Sabe de si
E não fala com estranhos
E se calado dentro urge um leão

O homem probo conhece seus dotes
E não é palavroso pois se priva da fome ufana
Aceita qualquer argumento e não discute futebol
Trabalha todo feriado e final de semana

Todo homem que se presa
Cede seu lugar para a senhora
Não reclama se o troco está errado
Nem incomoda a mocinha do vestido decotado

Oh Deus!! Obrigado.
Eu tinha tanta coisa pra dizer
Mas eu fico satisfeito em ser travado

ASA ASA ASA

Seria feliz te olhando ao longe
da janela do meu quarto
numa estação estelar da Nasa

ASA ASA ASA

Minha filha me traz
a infância à boca
colherada de geléia de mocotó Imbasa

ASA ASA ASA

Numa vila qualquer
no escuro do quarto
a luz do aquário vaza

ASA ASA ASA

No primeiro poema
o amor mergulhava
em água rasa

ASA ASA ASA

Quanto menos se faz
mais se desvia
mais se atrasa

ASA ASA ASA

Sonho de voar
que o medo
do salto defasa

ASA ASA ASA

Quero ir pra minha casa

• TONTO DEUS

solto gira
gera saltos
jorra sumo
soma minhas mãos
e a reza roda
engendra cana
mama pita mama
bate pé
manga ni mim
zuni resvala
rosna rente
gira ainda
e já sem gente
no chão encerra
três cantos de galo

sobe quem não é da terra
e desce cavalo

O PESO

peso

agora em mim
curvando as costas
até mostrar
um caracol

é bom ser caracol

inteiro as costas
acolhido em mim mesmo
por mim só e mesmo

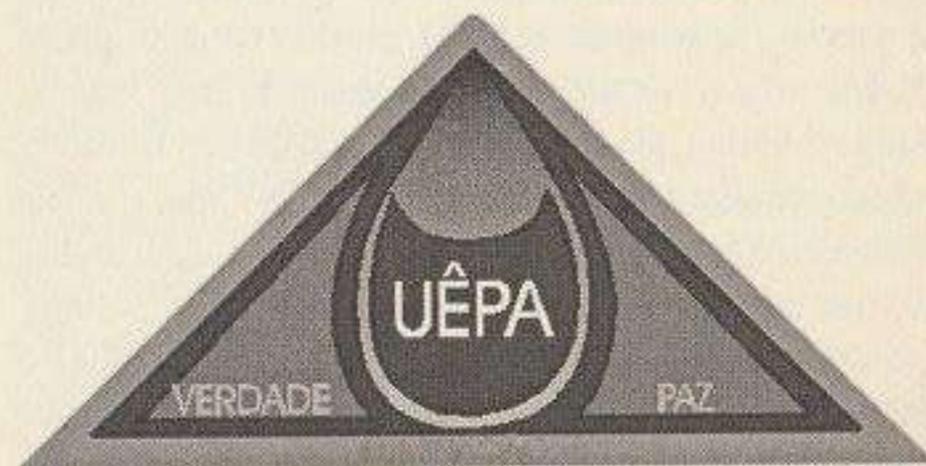
ser só costas

e ter o mesmo peso
que já não curva:
enrosca

GUILHERME LEVI

AH!

SE EU FOSSE UM PEIDO
QUE PAIRASSE SOBRE A TELA PENSATÍFICA
DESSAS CABEÇAS MAGNÂNIMAS!!!
FICARIA A NOITE EM FREVO
E DARIA SAMBA
A QUEM ME DESSE O SANGUE ENFERMO.



A nação Uêpa grita – Olla. E os Uêpas adestrados seguem marchando simetricamente, sorrindo, seguindo o rumo. Uns rolam outros rodinhas. Seguem ribanceira abaixo, chegam à beira de um abismo e pulam no mesmo lugar; são bichinhos de biscoito. Oito sucumbem, viram bolhas na barriga do criador, autêntico desenroscador de cérebros. Acuado no seu casulo ele clama: – Mariquinha! Mas os Uêpas saem de linha, fazem barulho infernal violentando a terra com seus cascos. Os astros não piam. Uêpas não são uma rapaziada, seus hálitos são de resina, todos gargalham alucinadamente. Já não são biscoitos. Não se relacionam nem falam qualquer língua, fazem parte de um mesmo mocotó melado, ninguém tem mãe. Nada muda nem míngua. A algazarra se ouve de longe e onde passam mumificam fauna e flora, ninguém fica de fora. Em seu casulo, isento, o criador tem estilo. Lá fora, à beira do precipício, Uêpas se precipitam: são gotas medonhas gemendo na queda. Existência confusa, discórdia, desinterias na incrível cratera do descritério onde, fecundo, criatura é criador; que no mesmo momento, isolado no casulo, vira cambalhotas em barras de chocolate. Os Uêpas ganham velocidade na gravidade gostosa, despencando o vento assobia no céu da boca e nas largas narinas do nariz fino. Isto é ser feliz. O criador reza. O tempo pára, pára a queda, um Uêpa pinga, o criador espia. Uêpa foi parar na capa de algodão onde o criador espreme sua geléia. Goteira de Uêpa na testa do criador que sonha sereno e nasce folgado.

Toca sovaco pra frente, Uêpa agora é gente.

BOI OU VAMOS CULTUAR O INTERMEDIÁRIO QUE É ELÁSTICO

Antes de alcançar a crista o cristo
Desisto dos calundus
Na casa do quase tocar a vista
Existe mais um segundo
Malabarista do choro e do chilique
Halterofilista das cores da chuva
Teresa Batista cansada de guerra
Terra ao redor e redenção
Sugestão de um sub – cume
Mergulho da cobra d'Oxumarê
Esmeril no desmomento
E só o pensamento suspenso
Vestindo alinhamento
Ou arco(s)
Subúrbio do meu corpo
Trabalhando hortos
E pensamento subindo
E caindo no fio da espada
Meu reino é a embaixada
Do alto escolhe
Celeiro do chiclete
Suspende expande
Encosta numa constelação
Espalha e esquece
Incorpora o gráfico Astro – Costela
Constrói a estrela que suspende
O pensamento que tenta um pêndulo
Pro útil poema que se chute

para Michel

RESGATA TEU CORAÇÃO HOMEM

Homem mergulha
Regata homem
Regata homem
Nada longe
Espia o verde nos teus olhos
Que a mata atlântica fita
Repara sua mão suada
Tremendo de carinho pra ela
Essa mão que procura e que tanto acha
Que agora sustenta seu rosto
Enxuga suas lágrimas
Aperta os cabelos
Apóia sua cabeça cansada
Castigada triste agora
Mas que busca inquieta
Cabeça de artista que nunca estanca
Mas que descansa sobre a mão do ofício
Mão que acena que segura forte
Fraterna fácil
Firma meu irmão
Desliza seu corpo no barro
Rebenta no vento
Rasga na ducha
Arrasta carcaça no mar

... e no teu ramo, um broto.

torpedros

(para mensagens de texto em caixa
de entrada de celular)

1

meu amor
me cuidam teus olhos
quando alço meus lábios
no sabor flor que a vida ganha
quando ganha meu desejo teu beijo

2

vida ainda agita um jeito agente mais junto

3

junto meu gesto
e já sou um estandarte coração
somo suas mãos e danço
os dias de festa
que o nosso amor engendra

4

te querer bem como
te querer num mesmo amor
mesmo cobertor
mel da mesma flor
carinho num mesmo caminho
passarinho querendo mesmo ninho

5

crio um jardim pra mim
nele semeio um segredo
e cuido com calor sagrado
colho o homem que sou
que se arvora ao seu lado

6

descobri meu sorriso em seus olhos
sorrateiros sorrindo lírios
e esse perfume nos ilumina
menina dos lábios meus olhos
anunciando o laço

7

um dia ainda te levo
comigo um dia ainda
te livro do limo um
dia ainda comigo te
levo um dia ainda
longe te trago perto
e fará um dia lindo

8

não te esperava tanto sabor
tanta cor na minha conta
tanta luz na minha guia
não esperava que um dia
de novo sentiria essa bruma
essa beira brisa fruta prumo

9

sendo assim só o sereno
sabe nossa dança
só o sereno sob nossos corpos
fazendo nuvem no calor
da nossa velocidade
sendo sereno assim esse amor
dança vapor ao vento

10

como o queto em coro
meu corpo arrebatado
ímpeto na pele da palma
das pernas em êxtase
freme dentro do encontro
enleva o tumulto aos olhos
semi cerrados

11

resiste um segredo que
existe sorvete em seu reflexo
socorro meus lábios
derrubam serpentes

estandarte coração

1 lobvnu

ESSA

Fosse farra
Fosse farpa
Fosse frágil
Fosse forte
Fosse fácil
Fosse fogo
Fagulha que fosse
Fosse fundo
Fosse firme
Fosse o que fosse
Fosse falta
Fosse foice
Foi-se

Foi-se

Fim

Será que no fim das contas

Das coisas

Dos ossos

Será que no fim dos nossos
Sonhos sem fim
No fundo do fosso sem fundo
Ou se o mar invadissem o mundo
Ou se tudo dependesse de mim
E viesse parar aqui
Todo esse amor que eu descobri
Crescesse praí
E ficasse certo de si
E o mundo coubesse num beijo meu
O amor aquecesse o fundo seu
E Deus descesse dentro da gente
Mas será que nesse labirinto da labuta
Qual chamamos mente
Não existe meio de mudar isso?

COMPROMISSO:

Comprometo-me que estou comprometido a comprometer-me

Complemento que estou completo pra te completar

Não complica
Vem com liga e me acende
Vem devagarinho peixinho
Vem direto e fica folgada
Fazendo festa na frente do fogo
Vem de novo pro meu novo
Sou o povo da raça Te Amo
Sou todo seu gozo que sorvo
Sou todo seu
Sou todo
Sou

sou	sou	sou
sol	sol	sol
solta	solta	solta
volta	volta	volta
venta	venta	venta
entra	entra	entra
senta	senta	senta
sente	sente	sente
enrosca	enrosca	enrosca
gosta	gosta	gosta
ôba	ôba	ôba
ama	ama	ama
fica	fica	fica

Fosse farra
Fosse farpa
Fosse frágil
Fosse forte
Fosse fácil
Fosse fogo
Fagulha que fosse
Fosse fundo
Fosse firme
Fosse o que fosse
Fosse falta
Fosse foice
Foi

Oi

É SÓ

me abandonar de você
me jogar fora dos teus braços
deitar sem colo
largar seus laços
o nó na garganta largando
telefone endereço sobrenome
esqueço
apagar fotos
dormir seu cheiro
enxugar seu beijo
afrouxar abraço
perder teus olhos
guardar teu sexo
fechar desligar afastar
romper deixar evacuar esmorecer
distrair destacar derreter recortar roer
derramar escorrer evaporar esvair esgarçar
vazar varrer evadir espalhar expirar parir limpar
obrar abrir sair queimar aterrar estancar descurtir
desnutrir despegar digerir exalar rasgar descair esfriar
tirar evolar bifurcar transplantar decompor desacomodar
descambar arrefecer expandir calar cuspir polir desbastar cobrir
descansar descarrilar descarnar decantar derrocar distinguir
derribar desabotoar desfazer desencontrar desconhecer
e te querer muito muito muito muito muito muito muito muito bem
ontem

A NOITE ESQUECEU UM CARINHO EM VOCÊ

Hoje está fazendo
uma saudade linda
e um floco de verso
pulou de mim quando deitei

lá no fundo ainda
restou raso
um gole de beijo

gosto do gosto
lembrando na boca

onde você não está
as palavras te acham

BATE AGUERÉ MEU CORAÇÃO

FalaPalavra

fevereiro de chuva
num raio de Iansã
amor trovoou

bate Agueré meu coração
chumbo pro meu céu
trovoou meu chão
canta a luz do relâmpago
chumbo pro meu chão
bate Agueré meu coração
chama essa filha de Iansã

TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TU TU TU TU
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TU TU TU TU
TUM TU TU TU TU
TUM TU TU TU TU
TUM TUM TUM TUM

TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TU TU TU TU
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TRACATUM TRARACA
TUM TU TU TU TU
TUM TU TU TU TU
TUM TU TU TU TU
TUM TUM TUM TUM TUM

essa filha de Iansã chama meu amor
e desde então
bate Agueré meu coração

rebenta meu cio
seu corpo respinga
rabisca um sorriso em meu rosto

plantou no terreiro do meu corpo um cheiro
de chuva de Shiva de jazz
resiste seu canto
existe em mim
agora

agarro a flor da boca

busco o beijo
o jeito a gema
polpa da jabuticaba
desejo que invade minha vida flicts

Quando masco meu amor lasco lábios no eclipse

A POETA QUE ME FAZ POEMA

se o que sopra em som minha boca
é: o sabor de sua figura
se cada imagem sai em busca de sua textura
se te tenta desenhar a melodia
na luz na cor em que o estandarte no plexo explodia
se cada verbo me vem derramar você
se em cada verso é a vida que se avisa
e vibra tão igual que sintoniza
se cada letra se faz lança e um carinho te alcança

então não são minhas as palavras do seu poema
não é menos que na minha a sua boca
não é outra coisa senão no seu corpo a minha roupa
é como a força de um povo entoando uma cantilena
é o mar imenso numa concha pequena
é o coração entrando em cena
ou tudo que sou é seu poema

E O NÓ NA GARGANTA

e a barriga sem teto
e o repuxo levando longe quem queria
aqui quer que seja
e o nó na barriga
e a garganta sem texto
e sem pretexto estendo a mão
e não deveria
e daria mil cambalhotas fosse meu esse chão
outro dia igual a esse: não
outro não disse: -ia
fosse meu esse dia
trocaria pro resto da vida
fosse meu esse chão
seria um só caminho de se ir
disse ia, era nesse que seria
meu chão
fosse esse só seu caminho
esse o meu chão
(só seu esse caminho)
era nesse que seria meu chão só seu
do caminho de se ir
não só
do caminho só de ir
de ir, só
fosse meu seu chão
seria nesse
esse que seria seu meu chão
fosse meu esse dia diria: — alegria
fosse meu esse dia diria que seria nesse meu chão que se iria
e ao resto da vida diria: — alegria

ANTES DE MIM

neste início de manhã
vinte e oito de julho de dois mil e dois
sete e quinze
no Humaitá
Rio de Janeiro

O sol acende a esperança
por detrás das nuvens carregadas
e o dia marcha
 move-se ao futuro
onde rebento
 o fruto
 aguarda
e derruba o tempo a casca ao chão
 a cara
 engenha a justiça
 o coração dispara

enquanto me empurro no vento
chegando da rodoviária
e venço a cada passo
a distância dos dias sem abraço
sou uma fogueira de saudade
iluminando seu rosto
na cama
debaixo de seus cabelos
no espelho
no banho
tomando café
na sala
na cozinha
olhando o relógio
lendo
lindo em frente à porta
sorrindo dentro do prédio que surge
ao meu alcance agora

LIVRE

lhe ver li vre le va le ve vi da vo a

bom você por perto, por certo, pôr do sol, do sim
dentro de mim

habita

algo bate

me cai bem

basta tua voz

teu beijo

me vasta

NOTURNO

“ - se protege, se cuida muito!
fica muito lindo e não deixa ninguém te maltratar.
faz tudo o que você tem que fazer. te amo.”

isso foi o que eu anotei depois que falei com você na parada de
ônibus.

“ - S. Zorzo valente
u l'ammazza u serpente
u serpente l'o mia
S. Zorzo u ghe tia”

isso foi o que eu anotei numa loja de música em Gênova, de um
velhinho que perguntou depois se eu conhecia um acordeon; um
instrumento muito típico de Gênova como o dialeto que ele aca-
bava de me passar. e eu perguntava se ele conhecia Luiz Gonzaga;
um negócio muito típico do meu lugar. ele fez cara de Genovez, eu
fui embora.

não anotei nada quando te olhava dançando no fim de uma noite
de Balacubaco, ou ainda não anotei nada quando te recebi pela
primeira vez em minha casa e você ficou em frente a mim e me
olhava de vez em quando e ficava descobrindo minha casa e eu te
mostrava um disco de Luiz Gonzaga e São Jorge na parede guar-
dava e tudo se preparava e se prostrava frente ao coração que se
encaminhava. notava.

TANTO TEU MEU TETO

Quanto mais comparto o tempo
a idéia de querer-te em casa
do meu coração parte

Parte cada vez maior do meu coração
quer habitar uma mesma vida
meu coração comporta tanto
querer partir junto para esse espaço

Traço meu plano de vôo com você
vou com você

Meu coração não dá nenhuma parte
de outra porta

Ver você partindo
parte meu coração

Pelo menos me aperta na partida?

Ou vê se não aparta tanto

Visita o teu canto no meu coração

Visita meu coração com teu canto

Visível meu coração tanto com o teu

ENGENHO DE DENTRO – PEDRO SEGUNDO

não me venhas de galho
minha flor

que eu não sou responsável
pela poda da sua dor

nem sou peão
pra cercar esse seu gado
pensamento gasto
também não sou pasto

não me faça rodeio
eu não tenho a espora da cura
pra cavalgar a tua agrura

não sou Fernando Diniz
pra fazer mandala
da sua suja garatuja infeliz

nesse engenho do seu dentro
vôo louco a galope
de vento em popa

sossega leão
meu beijo na tua boca

ANTES

que o silêncio vença
o alarido comercial de dezembro no centro do Rio
Antes que a desigualdade cresça
Antes que a voz chamando
perca o fôlego
Antes de emergir a gaiivota
com o peixe no bico

Quero o amor da menina do circo
Quero seu tato meu

Antes que o verso escape
Antes do próximo suspiro

Quero o riso da menina do elefante

Antes que eu me levante
Antes do estado de sítio argentino
Antes da saudade rasgando em desatino
Antes que eu chore
Antes do pingo
Antes

Quero as pernas da menina do trapézio
Quero seu rosto entre as minhas mãos
Quero sentir seu sorriso se
abrindo em meus lábios

Antes que perguntem por mim
Antes que chegue a noite

Mesmo antes que floresça
a margarida que seria dela
Antes que pisque
seus beijos de borboleta
Antes do disco voador
Antes do vapor do suor
Antes da estrela da manhã

Quero a estrela do ombro esquerdo dela
Quero a ternura das mãos espalmadas
Quero o café da manhã prometido
Quero seu corpo tremeluzindo
sob uma certa janela aberta
Quero Ouro Preto agora
Quero quebrar o pulso
pros cuidados dela

Antes que passe a chuva
E antes que ela comece
E antes do cheiro do verão
Antes que saia o avião
Antes que o circo esteja completo
Antes de daqui a um ano
Antes do 25/12
Antes que ela pouse do improviso
Antes que seja impossível
Antes que ela acredite
Antes que ela saiba que sou eu
que lhe trago Afrodite

Quero o beijo da menina do fogo
Quero a cama do perfume secreto
Quero chuva de granizo e um só teto

Antes que esteja pronto o poema

Quero o gozo da menina do tecido
Quero sopro de te amo no ouvido

E antes de querer a saudade

Quero a certeza de um pedaço
súbito de papel, escrito
às pressas e meio roto, torto
o número do vôo
pra buscar a menina da poesia no aeroporto

FADO DE FADA

Essa Fada
Essa Fada

Se ela voa
Onde andaria?
Ou se não anda
Onde ela pensa?
Eu apenas acho
Que ela pensa e voa em mim
Ou se apenas anda
Eu acho fácil

Essa Fada
Essa Fada

Se não fosse essa fada
Quem é que se safaria?
Só há uma ponte sobre a Baía
Que cê para com esse papo que já sabia
Que não dava no pé...

E acaba ficando por aí
Nesse papo Barroquinho
Beijinho em Icaraí
Com esse cara aí
Que te diz que sabe tudo de cem anos de cinema

Esse cara é cabeludo mas não te leva a nado.

Eu sim
Te cato presse lado foco na cama
E te afogo fada
Na minha coleção de fotograma.

NO CARNÁ

nuca sua
num carná
sua nuca sua
seio seu
saliva
seiva da sua carne
no carná
vai louco meu bloco
segue sujo
sempre no seu encalço
alço meu vôo
e vou
sobrevôo seu ser
sosláio
sandalhas
somália
minha neguinha
magrinha minininha
caminha só
sem mim

BATUQUE NA CALADA

batuque na calada
ela sai descalçada
nem pára na esquina
que me esqueceu
de chamar pra batucar
com ela camela
na calada daquela esquina
do ano passado
no carnaval que era
aquela época era
caramela
purpurina
serpentina
minha mina
agora sai descalçada
batuque na calada
esquininha
mamulenga
caçarola
girafuda
batuque na calada
batucada lavada em chão de botequim
não falou nada pra mim
passou que nem moitola
submarina
metrôla
sambando arrastando confete
pra cima dos outros
escaldada na madrugada

dzi croquete
que drag rapá (fred mercury)

batuque na calada descalçada
suada sebosa
saída da tuba

jocasta

gostosa

batuque na calada tem estudo
metida a estandarte
eu bamba no poste
me olhou de quina
fez fantasma

nem quis competir a fantasia
ela de nu, eu de gnu
ela de nu, eu de gnu
ela de nu, eu de gnu
ela de nu, eu de gnu

e ia

supimpa no pé

agredia minha nostalgia

arredia

vadia

e eu na esquininha do carnaval passado

pingando franga

espiando minha boa

bundiando com outro pileque

batuque na calada

fedorenta

descalçada

pra nem carinho

eu queria mesmo é ser cavaquinho
e tocar porco espinho
acorda moinho
cavalo mansinho
aquaman

vem a feira e vou à forra
nada me importa agora
eu sou de última aurora

A PONTE:

Ontem foi fonte
Forte firmação

O firmamento:
Tento estrelas
entre nuvens

A neve:
Breve, breve.
Passa

O passo:
Atrás

O que traz:
Mais que três;
dois

Depois:
Como antes entre um

Incomum:
Comovente mas entre antes

Amantes:
Beijo no mirante
e tô aí amarelo

Paralelo:
Corrente elo
amar ela

Ela:
Bela

Trela:
Num dô

Amô:
Num dô

Dor:
Num sei

Tentei

Entrei, vitrola, mesinha
cantando contente
contudo confesso o fiasco
do moço que poço pulou
furou festa
e meio termo,
pra mim,
não vai longe
eu tenho vinte anos
e uma vida de
vento, de estopa
eu tenho outra via que não essa
mas sinto falta
eu tenho outra falta de vida
que não essa
dividida
outra vida: só
outra estória
vindo na memória

mas não isso
assim, assim não esse
e sem essa que tamanho não é documento
e antes que eu me esqueça: beleza não põe mesa
mas não ela
põe em pratos limpos

ferida tem de monte
é urgente: a ponte

DO VENTO ESPALHANDO AS FOLHAS

só a sua lembrança
me espalhando

a vontade acesa na pele
lembrança de brisa
rosto molhado
olhar em visco
chove o meu

faz poça

reflete o seu

um olhando pro outro
e tendo que não olhar
pra não chorar
tendo que dizer
tô triste no mundo e com você

tão triste que dói o peito e cai o olho
nem se olham nossos olhos no chão

OUTROS FORA

se um dia você estiver **saudade**

e se por acaso sentir **sozinha**

jogue os poemas que te fiz **outros**

e me peça para escrever **fora**

2 poemas do pântano

BALADA DA NAU DO AMOR NEGADO

onde tá o meu amô
toda luz se apagô
eu quero saber agora
é pra onde que eu vô
nessa falta de calô
teu beijo disabô
nessa fruta carambola
que teu gosto azedô
e muito se engana quem pensa
que esse amor me fez sorri
eu agora tô mais triste
do que quando te conheci

QUEB
RAND
O
QUEB
RANT
O

Quebrou-
se-lhe o
prisma
sua vida
desastra
rompeu-
se-lhe o
fio da
lucidez
sua luz se
apagou
seu lago
seca
putrefaz-
se sua
beleza crua
já não
dispões
de quase
nada
mas se há
culpa: é
sua

70

O MELHOR DO NAMORO É QUANDO ACABA

É poder olhar com bons olhos
aquela pessoa que você passou a odiar tanto.
O melhor do nó é desatar.
Bom é se entender.
Não que eu queira tudo pronto
mas o silêncio é um alívio.
E a melhor coisa do melhor dia da sua vida
é quando chega a hora de dormir.

QUANTAS FACES TEM A PALAVRA

tem formiga, fumaça, lua, lontra, loa, elefôa, platibanda,
helicóptero, falácia, uêpa, péba, jumento. tem rampa, escada,
laguinho e tobogã.

palavra é lesma, letra que se lace
e depois de tanto bater a palavra na tecla
ela oferece a outra face

COBRE

cobre tudo cobre
 meu corpo pobre
 meu sonho sobre todas as coisas
 cobre todos os sonhos

sobre telhados
rente às nuvens solve-se
 sobre todas as coisas
 sobram os sonhos

a solidão me dá cigarros
eu virei detalhe

e outra noite
cigarros me dão enjoão

O MINISTÉRIO DA SAUDADE ADVERTE

RÁDIO MEC

o acorde que me
acordou esta manhã
era cor de verde
um toc-toc sincopado
um tico-tico pousado na copa
um fagote marfagafo
acordeando o dia
no fole das folhas serenadas

Na era do passa perna
Tá difícil ficar de pé
Na hora do escorrega
QUEM TEM MÃE QUE SE AGARRE

BANDEIRA

— Alma, escuta a ressonância no seu fundo !

a alma não entende a si própria
enquanto o corpo
conhece a sua fauna
e aflora no mundo

EU

sou pequeno
o intelecto me basta
mas quero meu físico na tua cama
– me arrasta?

MOVELA

Essa mulher é meu cinema
E a cada segundo me causa um poema
E como não sai da minha tela
Viva a poesia que eu vivo nela

14°

Décima quarta opção:

Sola com sola consola?

O VENTO

com o vento úmido
num dia de escuros
o cheiro de uma lembrança
acha você em meus cabelos

VOCÊ PLANTA SEMENTES

sementes

semente

cê mente

e colhe o que planta

DIFÍCIL SEPARAÇÃO

agora com você fora
da minha vida
quero a vida e mais nada
e mais vida

LIMA

sempre que escrevo mal
faço rima
pra criar um clima

Subject:

correspondência de guerra

*Éricson dormindo é como jacaré olhando:
Parece que não tá, mas tá.
(ouro preto – junbo de dois mil)*

há tempos guardo mágoas >mails >alusões >meios de dizer all>>> luzir >traduzir o caminho da luz >desda frição do carvão >ao monitor 550s >fazer download de tudo >compaixão de toda informação desfeita em Del >você tem 3 mensagem(ns) em andamento na pasta rascunho >tudo é testamento >and the light was done >enviar e receber >pensamento estruturado em texto a toda hora >como descascar a brisa no vento? >localizando host... >mulher pra casar >reconectar >escrita falada >itens excluídos (385) >localizar pessoas >faço votos de irmandade de palavras >era uma vez uma velha zerada >cartas ao mundo >tentar dizer, dedilhar >deduzir agora >tc >vc >tb >Shift, não era isso. >nem o famoso Urubu Chacareiro, que voa baixo sobre chácaras e quintais, só come manga e não existe >era uma era arada pela ira de Eros >Esc Esc + Esc –responda! >como cultivar o reino virtual? >ser de tudo untado >uma carta uma brasa através >desistir de regar o erro >Zarvoleta e o fazimento >no Reply >alçar a égua >o vô que o diga >encosta em meu ombro seu ombro nenhum >é tudo um tucano >o livro dos seres imaginários >segura (SSL): Não, N° do erro: 0x800CCC15 >peguei um lotação Barão de Gusmão – Leblon >cidades inventadas> do propaganda de guerra ao cinema de garganta >polivox >regurgitofagia >CEP 20000 >justo os fins pelos mails >N@sce o Poem@ >FalaPalavra

From: <ditirambo11@hotmail.com>

To:

Subject: Re:

Date: Tue, 3 Oct 2000 23:07:08 -0300

essas mensagens eu mando sem ver. não me interpreta mal preta...eu já desconfiava que cê tinha ido. acho que estanquei um pouco. eles dão muita vontade de te. sabe? outro dia vi. onde vc tá agora??? será? o que Deus quiser. na sua boca. ps.: este foi te sentir perto.

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para: CEP 20000

Data: Sábado, 30 de Setembro de 2000 00:58

Assunto: [falapalavra]

Ucla, Ariel, vamos. Ericson, tudo que você fizer será usado a seu favor. só precisa saber usar. transformar o mundo. um voto de confiança em si mesmo. morreu com ela. perdeu uma oportunidade pro mundo. Giordano Bruno. o CEP é o Orixá de frente de todos nós e você ainda por cima é elégùn, vai ter problema mais pra frente se ficar recebendo entidade sozinho. Chacal, já assumiu a mediunidade. Eber, é uma pomba, espírito santo e gira. eu, o pajé. Zarvos, a vovó. o Guiga um Lama. e não vou ficar desentrancheirando cada um porque isso raspa muita energia. ... ele é o maior, viva o Mickey Mouse

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Segunda-feira, 18 de Dezembro de 2000 13:34

Assunto: Re: pedro

verbo que te quero fronha.frente que te fruta.fritas que te quero
flambuaiã.bom dia banho.bando vando.itamar.escudo escudo e
simbora na saliva (mesmo lado da outra moeda) ! ou ainda quando
Jorge se entrega ao divino

1. Tambores – preparação do guerreiro – coreografia livre
ou ainda ontem a tua urina me sorvete

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Quarta-feira, 24 de Abril de 2002 12:26

Assunto: Re: LUL

perfeito, muito tudo certo. - obrigado eu. fui ver agoira como esta-
va o valor da minha nega. e vi. qualquer um aumenta o menos.de
hoje a oito dias estimo minha nega em mil. assim sendo, que
pensas; ó, pá? um 1000,00 ao vil? sobre como saludar a diva, que
pensas quanto a forma que te? a medida que eu for, e isso inclui
o que ela pretende, vou a você sem data.

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Sexta-feira, 20 de Abril de 2001 00:29

Assunto: Re:

olá mundo yankee. sabe que te vejo às vezes. é vejo sim. fim. nun-
ca acho que é realmente. só. vou me dando conta da falta que é
realmente... foi rareando até que não se falou. mais eleições por
aí. digo aí mas não faço onde vc esteja. mas sei o de outros restos.
vai tudo.(aliás hoje é dia)fiz anti HIV 1 e 2. olha, decidi que não
quero vc beijando ninguém. aí não viu... seja boazinha... hoje o
dia em que refazemos - 19 de abril - dia do índio - aniversário do
roberto carlos e do jornal hoje escrevi um poema que nada tem a
ver com isso ou tem ou ou:

olha, nunca mais poderei voltar a ouro preto

difícil lá sem você

difícil laço você

!!

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Segunda-feira, 16 de Outubro de 2000 21:26

Assunto: ar errado e peço pão

fala. constelações para a máquina de fazer rasteira. .soprado. - não já certo - de certo atento à esparrela do aspargo que possível virá. isso é não vou. .r. brothers borboletas, histericamente curriculum vitae vitrolinha rolar derramada pra cima do leite chorado. hoje mesmo no meu ouvido. preciso mais agressivo pra ser decisivo. rampa asiática - rapaziada. em verdade acho meio o mesmo este e-mail. panela revisitada. por isso prefiro porvir. refletir. fletir. me uma chamada. me uma dita de conteúdo pró só continuar sonhando com o sorrateiro serralheiro. send. escuto escuso no escudo. torno. não nos des-uní-vo-nos carnívoros. chinelo castigo. tomemos existência. inteligência ou morte. independência ou cep nossas cabeças.

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para: H

Data: Quarta-feira, 4 de Outubro de 2000 13:03

Assunto: trapézio

you fica lá em cima sacando o povo do piso. you mira um sorriso em mim, quase perco o pé e quando desencosta do alto é fogo que sai da boca.
cheia de me

perdão, estou em consturbação

(construção+conturbação+masturbação+tubarão=tudibão)

From: <ditirambo11@hotmail.com>

To:

Subject: porto alegre quando chegue

Date:

num gesto que o ar me inventou hoje. meu peito abriu pro tambor. reverberando mais longe encontrou. Tocou. de leve na luz de uma música. fiquei aberto pro pouso do sol laranja na linha das casas. e no monte de crianças qu'eu tava passei a ver com os olhos do meu tambor. vi seu sorriso e um sol laranja em seu peito. de branco em bangu feliz da vida. cada passo que o pé no chão dá é um mais próximo. num dia de margens de gato te chego bem perto. e se leio na luz da sua triz um céu. abraço nosso vôo. regalo que o ar nos inventa.

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Quarta-feira, 13 de Dezembro de 2000 02:04

Assunto: vem pro no

Morais em meu coração. esses dias estão com você. minhas figurinhas estão acumuladas. mas não tem jeito. elas são pra você. uma hora chega que aí não dá mais pra adiar e só adianta dizer: não adeus. fui no beijo e me sorriu. cadê aqui pra gente sair gritando pela rua? minha do teu solo, fiquei afins você vem pro ano novo?um verãozinho?ôla que tal?bueno así que nos vemos, si no, prendemos la luz!

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Domingo, 17 de Dezembro de 2000 02:28

Assunto: Re: pedro

irmão meu recreio. alçar sem vírgulas. calçar o vôo e vupt. pegadas na brisa., sandalhas nas telhas. é nego, realização é coisa que exige, mas que existe em algum lugar no algum. estou voltando meu espelho captador para o sol da manhã e o do fim da tarde. no pino fico em baixo do teto que me serve. porque também entrei numas de me escorar quando o carregio for esquisito. tô meio atravessado. a coisa ali tem craca. mas bem. pensa no bom. (de nada) um lugar nenhum. isso é: eh eh,

{, quebre um crânio e faça a cópula sideral com sua nave especial.}

Ìjà pè lé ìjà pè lé ìjà

Alákòró Onírè

Ìjà pè lé ìjà pè lé ìjà

Ògún Onírè

Ògún Onírè ó àkòro onírè odré gèè dé

Aare Ògún Onírè odré gèè dé

Ògún Onírè ó àkòro onírè odré gèè dé

Aare Ògún Onírè odré gèè dé

beijo depois te falo + sóbrio = - sombrio

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Terça-feira, 27 de Março de 2001 14:05

Assunto: enquanto umbigo reata...

sobre dever lembrança: 3kilo, não se afligia Olívea... agora posso ser um Ogun, mão já permite... ensaiei primeira vez ontem... ainda não instalei meu scanner (tenho planos de lembranças documentadas... aguarde!) (acho que te mandei uma foto sua de Ogun em Graz, confirma?)

De: <ditirambo11@hotmail.com>

Para:

Data: Segunda-feira, 2 de Abril de 2001 02:52

Assunto: Re: reata...

, não sei mas ficou essa impressão em mim. me lembro que quando dava a caminhar por lá, sozinho ou acompanhado, as coisas se tornavam mais simples. gostava daquela marginal de kumberg. um ninho em nicho gringo. claro que também com seus escuros. lembro a dupla equina no alto da ladeira. o branco teimava em fazer algum contato. ou quando descíamos a noite, breu, eu, você, bete, gi; os outros não. falávamos do néo nazismo quando alguém nos tacou uma pedra. e vimos o vulto vindo em nossa direção. era o esquecedor de visto que vinha. e ao sentir o hostil acenou dizendo algo que nos acalmasse como, sei lá... pelé, café, samba... pelos da sobrevivência. direção do mineral.

algum

**Descobri Ferreira Gullar aos 20 anos de idade
tarde?**

Vai o menino toca-disco noite a dentro fala

Zé Pedro repara, resvala na parede, enfileira peixe e nada
e nada e nada e nada e nada anota pretexto praga pára péra
Ferreira é faro farol afago mestre mago
de ferro e fel há de ser a poesia fala
-fá fasta faca ferve vapor
a poesia basta : vasta. vassoura a poesia arrasta
chifra; isca que belisco voraz bico o chão. cisco feroz
espreme possibilidade vez vontade Carlos Drummond de Andrade

QUE POEMA É ESSE QUE PASMA?

que ostra é essa que come crosta?

que escafandro é esse que sobe fundo?

que lontra é essa que alucina?

que cume é esse que me cabe?

que ilha é essa que navalha?

que caule é esse que me colhe?

que hora é essa que jorra água?

que caça é essa que chega no canto?

que manto é esse que amassa o mal?

Quando numa noite chuvosa da rua do Catete
Um sobrado lacrimejar secreto cinema com você
Salve Leon Hirszman !
Jogue fora a sentinela dos bons costumes
E abra uma gota de ridículo no aquário dos teus olhos
Deixe de lado o lado das coisas e siga em frente
Ou mude o rumo e mande bem
Abraça a bomba sem medo
Músculos pra quem te quebra

Um corpo de lágrima larga meu gesto
Um resto de fibra no rosto rompe
O poema trama na língua
Busca uma brecha
Mas o corpo não se fenda
O poema trina
O corpo tranca
Masca o poema
Que luta, quer ser corpo que habita
Mesmo este corpo charco
Que teme poema dentro

mas e as árvores lá fora, o vento das folhas?
a buzina, o assalto, as pernas das putas?
vício retificado em cada birosca, em cada esquina?
gentileza bufando, o windows 2007, o banco 24 horas?
vapor de gasolina, greenpeace?
pão de açúcar, dois irmãos, ipanema e copacabana
clamando contra os holofotes?
a noite rosa tentando escurecer?
meu filho detido na porta da vida?
meu pai sumido, meu avô morto, o elo perdido?
chupa cabra, amigos de circunstâncias, trabalho mal feito?
sol poluído, críticas implacáveis?
surdez?

A minha água
eu carrego comigo.

mas e a mágoa do mundo?

MAR MEIO

mar alheio
marasmo
mar alto
mar um

o mesmo vastíssimo de sempre

mar alheio
mar entre
mar meio
maré

amar é: maresia: poesia do mar é:

OLOCUM

QUASE USO UM PISO INTRUSO

penso cores pastel

tanto quanto

guardo tanto tudo

quando penso cores e chuva

duro mais pingo

gelo liso

fiz escorrega

eu

pra

você

guardo tanto tudo

quando penso fujo

no seu passo

passo tão perto que quase

perco o piso

pisco e a pluma pesa

quase dando tudo

QUEM?

Quem te ensinou essa indiferença

à celebração de uma

cidade que se amontoa

ao seu corpo?

ao vaivem invisível da maré?

Quem te escolheu esse berço de pedras

magníficas frente ao mar que vem da África?

Por que coração é a forma em que você acomoda o céu?

Como pode essa brisa que me refresca o rosto?

Como tanta calma nesse teu marulho sussurrado?

Que corpo de índio, de garça, de bicho escondido

se esconde na sua estória?

Que estória não nos conta?

Quem se esquece dentro do seu

lodo?

Que outra oportunidade para dentro de seu espelho

Todos os dias

Perdemos?

Que nos diz

o mangue

de si mesmo

?

Que provação a cidade se arrisca Narciso na sua

lâmina?

pula?

Que diz você com o

que

peixe

a lagoa trabalha
num sistema de lodo
de cheiros de amontoados
de restos de rostos apagados
avança silenciosa dentro da cidade
resguarda o Rio que não nos pertence
a fragilidade da paisagem humana agora vira
fátua quando surge do tempo da memória do lodo
quando se ergue pedra da neblina do morro do Canta Galo
do Corcovado do mangue do golpe surdo da flecha no peixe n'água
no colorido no alarido granulado das borboletas na fonte no seio da
saudade

o Guarací – Òké Àró! Sorri e recebe Oxóssi com seu Ofá –Éreré!
a verve ferve verde se instaura pisa de novo o chão do seu irmão

UMA BORBOLETA QUER VOLTAR A SER LAGARTA

ela farfalha fingindo ainda
mas o vôo se desalça
ela se lanha no chão
quer se livrar do brilho
da ponta do galho
do pólen
da língua longa enrolada
se livrar da alvorada
do

zig
incerto
zag
qualquer
outra

tanto faz festa com qualquer coisa

essa borboleta que quer voltar a ser lagarta
deixa o pontilhado pouso
a foto do fotógrafo
a tela, o tom que a tinta imita
e enverga verde
raspando o chão
pra deixar rastro

SOBRE O AUTOR

Pedro Rocha nasceu em 1976 no Rio de Janeiro e assim que possível aprendeu a fritar ovos, andar de metrô e ônibus. Subiu em algumas árvores, correu de cachorro e vaca braba. Conviveu na infância também com grandes mestres reformuladores de caixola como Luiz Carlos Saldanha, Leon Hirszman, Graciela Figueroa, Nise da Silveira, Sérgio Bernardes e Breno Moroni, quem o levou pela primeira vez a arte ao caminho, e aos 6 anos estreou no extinto circo do planetário. Depois estudou teatro, se profissionalizou e segue este of(f)ício. Integra a Cia de Mistérios e Novidades e com ela viaja mundo fazendo espetáculos em festivais, praças, casas abandonadas, viadutos, lagos, ladeiras, jardins nobres e esquinas chulés. Sempre atento ao intercâmbio, desbravando. Andou também em mato médio e matagália; e de fusca quando teve. Estudou bateria e teve até banda, o Paranóia Máxima, foi quando entrou em contato intrínseco com a poesia (1992), com Chacal, com Guilherme Zarvos, Guilherme Levi, Michel Melamed, Cabelo, Pedro Luís e todos esses tantos incitadores de abismos e vertigens. Vaga-lumes. Sempre teve muito afeto pelo afeto e tem uma filha. Foi então através do CEP 20000 que começou o hálito da escrita. Depois de 9 anos soprando poesia no microfone, surgiu da região abaixo de seus cachos o FalaPalavra, espetáculo centrado na poesia falada, a fala do poeta, que no FalaPalavra evolva-se sem ruído, juntando os poetas numa proposta cênica arriscada, arriscaria até ecumênica.

Verbetes: ecumênico

[Do gr. oikoumenikós, pelo lat. oecumenicu.]

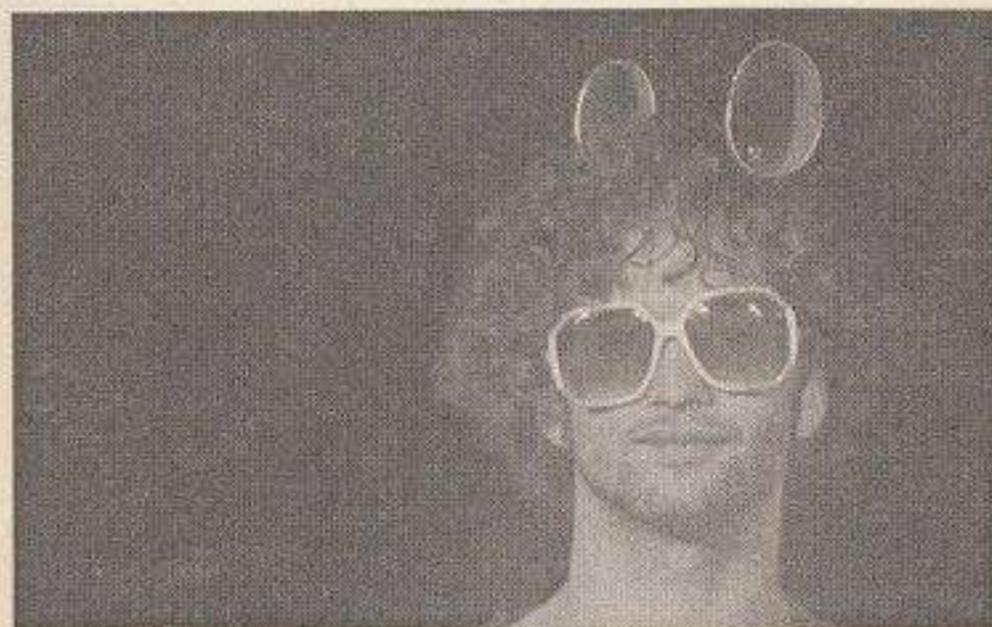
Adj. 1. Relativo a toda a Terra habitada; universal: "Porque ao lado do homem universal, ao lado do homem chamado ecumênico, pela Igreja, por habitar dispersamente todas as partes conhecidas do planeta, havia, ainda, no mundo, uma série de monstros horrendos e pavorosos" (Afonso Arinos de Melo Franco, O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa, p. 9).

3. Diz-se do crente que manifesta disposição à convivência e diálogo com outras confissões religiosas. ~V. concílio -.

Obs. importantíssimo: incluindo os monstros horrendos e pavorosos!

Entre outras coisas que compõem esse tumulto de 1 metro e sessenta e nove que se proclama Pedro, vale salivar que tem presença em diversos outros eventos literários, participou dos discos Astronauta Tupy e É tudo Um Real, ambos de Pedro Luís e a Parede, o primeiro como poeta, o segundo em parceria na música Aê Meu Primo, que é ainda exímio zanquero (perna de pau), atirador de raiz, cabeça de agogô.

E ainda tem o que ainda não veio...





Esta obra foi composta em Garamond
LightCondensed, e impressa
na Gráfica Imprinta,
em *off-set*, para a Azougue Editorial,
em novembro de 2002.
tiragem: 600 exemplares

ISBN 85-88338-21-1



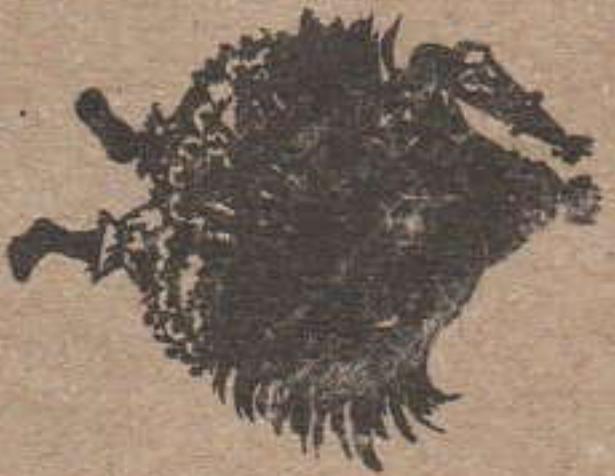
9 788588 338210



O - mo - lú pè o - ló - re aa - wú - re e kú à - bò



O - mo - lú pè o - ló - re aa - wú - re e kú à - bò



Atótóo